

Trump anuncia bloqueio e pedágio em Ormuz

Volta das hostilidades entre norte-americanos e iranianos derrubou o tráfego ao menor nível desde a trégua de junho

/ ORIENTE MÉDIO

Em meio à renovada troca de ataques com o Irã em torno do Estreito de Ormuz, o presidente Donald Trump afirmou que os Estados Unidos vão retomar o bloqueio aos navios iranianos na via marítima e que pretende cobrar um pedágio para manter o tráfego na região. “Nós vamos manter o controle do estreito e provavelmente administrá-lo. Seremos os guardiões do estreito. Talvez o anjo da guarda do estreito. E deveríamos ser reembolsados por isso”, afirmou o republicano à Fox News.

Depois, em rede social, disse que gostaria de cobrar 20% sobre toda carga transportada por lá. “Nós estamos reinstalando o bloqueio iraniano, assim chamado porque só vai parar navios ou clientes iranianos de entrar ou sair. Todos os outros países terão o uso aberto e livre do estreito. Por uma questão de justiça, nós seremos reembolsados, em uma taxa de 20% de toda a carga transportada, por qualquer custo necessário para fazer

o trabalho de prover segurança nessa área muito volátil do mundo”, escreveu.

O Irã, por sua vez, respondeu em um comunicado de seu comando militar conjunto. Afirmou que não permitirá que os EUA atuem na região. Disse que atacará qualquer embarcação que não tiver sua autorização para passar por rotas designadas, e advertiu os vizinhos que ajudar os EUA trará retaliações - o apoio será visto como “um ato de guerra”.

Não há hoje força militar norte-americana suficiente na região para criar um corredor de passagem à prova de ataques iranianos, mas, antes do cessar-fogo de 17 de junho, os EUA já haviam imposto um bloqueio naval a embarcações da teocracia. Ele teve bastante sucesso em pressionar Teerã.

O cenário agora é ainda mais complexo. Trump declarou morta a trégua com o Irã na semana passada, e os rivais passaram a se atacar sistematicamente. Nesta segunda, houve mais uma rodada de troca de fogo. Pela primeira vez no conflito, os EUA empregaram drones aquáticos semelhantes aos

usados pela Ucrânia no mar Negro contra uma instalação de reparos de navios e submarinos do Irã, em Bandar Abbas, principal cidade iraniana no estreito.

Após ataques que começaram na noite de domingo contra posições iranianas, Teerã alvejou instalações americanas no Bahrein, no Kuwait, na Jordânia e novamente no neutro Omã, sultanato que negocia com a teocracia um esquema de controle de Hormuz.

O país árabe controla a costa sul da passagem, enquanto o persa ocupa a norte. As demais nações produtoras de petróleo do golfo Pérsico e os EUA rejeitam a ideia do controle, e hoje há duas rotas teóricas para navios, uma passando por águas iranianas e outra, por omanis.

Mas a volta das hostilidades derrubou o tráfego ao menor nível desde a trégua de junho. No domingo, apenas 14 navios com sistemas de comunicação ativos passaram pela região, segundo a consultoria Kpler. Na véspera, o Irã havia alvejado 2 das 22 embarcações que haviam transitado



Trump disse que aplicará pedágio de 20% sobre cargas transportadas por Hormuz.

por Hormuz.

Antes da guerra, cerca de 140 petroleiros e outros navios singravam aquelas águas por dia. Com a guerra, o Irã cumpriu a promessa de fechar o estreito, e durante a fase mais ativa de cinco semanas do conflito o trânsito foi basicamente a zero.

Segundo os termos do cessar-fogo, o Irã deveria permitir o tráfego por 60 dias de negociações. Não havia nenhuma provisão impedindo a cobrança de pedá-

gio, um ativo estratégico que Teerã descobriu ao longo do conflito. Assim, os persas buscaram assegurar sua posição, e fizeram isso atacando pontualmente petroleiros, o que irritou Trump. Agora, com os ataques pontuais, o conflito está em uma perigosa fase de banho-maria, sob risco de escaladas maiores que não interessam nem ao Irã, nem aos EUA, onde o presidente enfrentará uma dura eleição legislativa em novembro e a guerra é impopular.

Ahmadinejad é preso por supostos laços com Israel

O ex-presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, foi colocado em prisão domiciliar no país persa após suspeita de colaboração com o Mossad, a agência de inteligência israelense.

O plano de Israel visava derrubar o regime dos aiatolás no Irã. De acordo com o jornal New York Times, Ahmadinejad teria concordado em repassar informações que contribuíssem com Israel. Como recompensa, o ex-presidente voltaria ao poder.

Segundo fontes ouvidas pelo jornal, o plano previa retirar o ex-presidente Mahmoud Ahmadinejad do Irã após o início da guerra entre Israel e Estados Unidos contra o país persa. A intenção seria recolocá-lo posteriormente no Irã, já como presidente.

Ainda de acordo com a reportagem, Ahmadinejad desistiu da operação antes de ser retirado do país e deixou o local onde aguardaria o resgate. Em 28 de fevereiro, um bombardeio israelense atingiu o complexo onde ele estava e o prédio responsável por sua segurança, como parte da tentativa de levá-lo para um esconderijo operado

pelo Mossad.

As mesmas fontes também disseram que o ex-presidente manteve contatos com autoridades israelenses e teria recebido apoio financeiro. Em razão dessas suspeitas, Ahmadinejad teria sido colocado em prisão domiciliar por determinação da Guarda Revolucionária iraniana, segundo os relatos da imprensa internacional.

As alegações, no entanto, não foram confirmadas oficialmente pelo governo do Irã nem

por Israel.

Ahmadinejad presidiu o Irã entre os anos de 2005 e 2013, e ficou marcado por ter uma postura fortemente antiocidental. O Irã é uma teocracia na qual o líder supremo é o aiatolá, que detém o comando político e religioso do país.

O presidente é uma espécie de líder administrativo, que cuida da gestão pública e da economia, representando a nação no exterior, mas submetido às diretrizes impostas pelo aiatolá.



Ahmadinejad tornou-se notório pela postura antiocidental

Número de mortos em terremotos na Venezuela sobe para 4.561

/ VENEZUELA

O número de mortos após os terremotos do dia 24 de junho na Venezuela subiu para 4.561, segundo comunicado divulgado pelo regime do país ontem. O número de feridos nos terremotos de 24 de junho permaneceu inalterado em 16.740, enquanto 17.907 pessoas continuam desabrigadas.

Relatório deste fim de semana também diz que 19,5 mil pessoas tiveram de se mudar para acampamentos temporários. Segundo o regime, a distribuição de moradias aos afetados começará na nesta semana.

Na quinta-feira passada, a Organização Mundial da Saúde (OMS) disse que a falta de saneamento básico e do acesso à água potável nos mais de 80 abrigos, somada à superlotação e à pouca infraestrutura desses espaços, pode causar a disseminação de doenças como cólera, tuberculose, tétano e sarampo.

Além disso, a cobertura vacinal de populações desabriga-

das tende a cair drasticamente, aumentando o risco de contágio, o que pode colocar em risco a vida de dezenas de milhares de sobreviventes.

O órgão da ONU disse estar trabalhando com o Ministério da Saúde da Venezuela para tentar conter o avanço de enfermidades respiratórias e intestinais, e avalia abrir novos hospitais de campanha nas regiões de Caracas e La Guaira, as mais atingidas pelo desastre natural.

No total, as Nações Unidas estimam que 1,3 milhão de venezuelanos precisam de ajuda humanitária após os terremotos, e US\$ 300 milhões (R\$ 1,5 bilhão) foram mobilizados para operações no país, segundo comunicado.

A resposta do regime ao desastre vem sendo alvo de críticas de parte da população, que considera lentas as ações de emergência. Delcy Rodríguez rejeitou as críticas e disse, sem provas, que “laboratórios midiáticos” tentam prejudicar o trabalho das equipes de emergência.